

O LICEU



Órgão do Liceu de Artes e Ofícios de S. Gonçalo
Cuiabá — Mato-Grosso

Ano II

Junho de 1937

N. 12

Êle só

ERA meu desejo, leitor benévolo, expor aos teus olhos, a figura d'Aquêl por quem o teu coração devia inflamar-se com os fúlgidos matizes do mais puro amor.

Não posso, entretanto, executar tão sublime tarefa, é-me forçoso abafar êste sôfrego desejo, relatando tão sômente, um fato curioso que caiu ante meus olhos.

Ei-lo, em rápidos traços:

“Por motivos de saúde deteriorada, internei-me nas longínquas florestas com o único fim de recuperar o perdido.

Habitava então, numa linda casa de campo. Cá e acol á

escarpadas colinas, donde se decortinavam encantadores panoramas.

Neste aprazível recanto campestre, recebi um aposento que dava para o Norte. Havia aos lados, à direitas umas laranjeiras com assazonados frutos; à esquerda, um lindo pé de tangerinas; em frente, um belo abacateiro. Corria, serpenteando por entre aquelas árvores, um límpido e poético regato!...

Uma bela manhã, dirijí-me a um jardinzinho, para melhor absorver aquêlê ar puro. Eis que chega uma grande e linda borboleta, a qual vai poisar em um rosa. Aí fica alguns minutos, de flor em flor, extraíndo o mel delicioso. Também aí fico contemplando esta criatura delicada de Deus...

Aborrecida daquele lugarejo, levantou o vôo e recorrendo o espaço num interminável ziguezague, afastou-se, penetrando pouco depois em uma capela. Acompanhei-a seguindo sempre todos os seus movimentos. Eis que a borboleta percorreu todo o espaço, passou por todas as flores artificiais, e nenhuma lhe agradou.

Após novo ziguezaguear, ela poisou mansamente sobre um níveo lírio, sob cuja véu, habitava ÊLE SÓ. Aí esteve por largo tempo, como para dar tréguas aos vôos e ao mesmo tempo extrair o néctar do lírio. Baldados eram os seus esforços, pois aquêlê lírio estava artisticamente pintado no conopéu de setim.

Alí esteve vários minutos, tentando a extração do líquido desejado. Por fim, levantou o vôo e dando uma volta em redor do Tabernáculo — como despedindo-se, — atirou-se em seguida no espaço.

Naquele tranqüilo asilo fiquei, contemplando a ÊLE SÓ, embebido em pensamentos sublimes que me deixou a linda e delicada borboleta!...

Assim é nossa alma: qual tímida e inexperta borboleta, revoluteia pelas diversas e artificiais flores dos prazeres sensuais,, procurando extrair o seu néctar perecedouro.

Á imitação da borboleta do fato, devemos, desprezando aquelas, poisar sobre o cândido lírio da pureza e do dever, permanecendo nele ainda que a custo de sacrifícios.

E' preciso labutar até que nossa alma levante seu vôo desta miserável terra para a Pátria celestial. Lá então, gozaremos o mel inefável do amor verdadeiro e sem fim que Deus reserva às almas fiéis.

Izé X. Nada

%%%%%%%%%%||%%%%%%%%%

Como célula educativa, a casa. A casa dos outros tempos, ampla, patriarcal, provida. E também a casa pobre, rústica, tranqüila, recatada. A casa que acalma e que agasalha. Casa abrigo, casa seminário. Casa onde o bulício dos novos alegra a nostalgia dos velhos. Casa da recordação, da saudade, da esperança. Casa onde o fogo chameja no trabalho e assiste na vigília. Casa austera, habitada pela solicitude materna. Casa onde se canta, casa onde se reza. Não a casa despovoada, afluyente da rua, casa do abandono ou da discórdia, sem espaço, sem vida, sem expansões, em que os filhos debandam, os pais dissipam, as mães votam. Casa emudecida de amor e de ventura.

Fernando de Magalhães: *A Educação e a Democracia*, pág. 11 e 12

Tinha Alcibiades um cão magnífico, pelo qual pagara grande quantia. O animal possuía uma belíssima cauda. Um dia Alcibiades mandou cortá-la e toda a cidade comentou surpreendida essa excentricidade inesperada.

— Todos censuram esse ato, disse-lhe um amigo.

— Tanto melhor, replicou Alcibiades, enquanto se ocuparem de meu cão, não dirão coisas peores a meu respeito.

JÔNATAS SERRANO: *História da Civilização* (1ª série), pg. 36

Daltonismos...

M. Laporte

Todos sabem o que vem a ser daltonismo, esta enfermidade visual que padecem os olhos de certas pessoas, impedindo-lhes perceberem algumas cores, ou fazendo-lhes enxergar invariavelmente outras...

Bem conhecida é a doença física, porém, relativamente poucas são as pessoas que a padecem. Há, no entanto, um outro daltonismo, de que bem poucos suspeitam, mas que não deixa de afetar a vista de muita gente: o daltonismo moral.

* * *

A vida é extremamente variada, mas, praticamente inúmeros são os homens que a encaram dum modo uniforme. Uns vêem tudo cor de rosa; outros, tudo verde; muitos, preto; e, hoje-em-dia, legiões de seres humanos vêem tudo vermelho.

Falta a todos eles a percepção das outras cores que lhes permitam ver esta vida como deve ser para vivê-la bem consequentemente, pois, na existência o êxito e a felicidade dependem em grande parte do modo de ver as coisas.

Os primeiros são os folgazões, os galhofeiros, que com medo de passar a vida sem ter bebido no cálice de todos os prazeres, adotaram por divisa: corremo-nos de rosas antes que murchem.

Os segundos, vêem tudo verde, são os moços esperançosos, que, confiados no porvir, levam avante a sua jornada, olhos fitos no ideal que entreviram. São, de certo, bem superiores aos primeiros, mas, sua vista seria muito curta se, além das coisas deste mundo, não descortinassem as da eternidade.

Ao extremo oposto colocam-se os que vêem tudo preto: os misantropos, os pessimistas aos quais a vida parece ter sido infligida como castigo e levam a existência a fugir de fantasmas que os fazem sofrer horrivel-

mente.

A época moderna viu levantar-se inumeráveis exércitos de homens que vêem tudo vermelho. Tais os adeptos do socialismo; do bolchevismo, das doutrinas anarquistas de todo calibre. Para eles o mundo deve afogar-se no fogo e sangue, e da terra assim purificada há-de surgir a cidade futura em que os homens viverão felizes. São os utopistas de todos os tempos.

* * *

Há outras variedades de daltonismo moral mas forçoso é limitarmo-nos. Não faltam, todavia, graças a Deus, imponentes falanges de homens de vista normal: os cristãos verdadeiros que encaram a vida conforme a realidade e não unilateralmente à luzinha do ódio do pessimismo da ambição ou do prazer, mas, sim ao clarão sobrenatural das virtudes teologais da fé, esperança e caridade, virtudes essas que lhes alumiam e informam toda a atividade consoante estas palavras do Evangelho: "Se o teu olho for simples, todo o teu corpo estará na luz, mas se o teu olho for mau, todo o teu corpo estará em trevas."

* * *

Ah! pudessem todos os homens compreender a felicidade dos cristãos, deixarem-se guiar, no tempo, aos esplendores dessas três virtudes, cuja posse constitui desde já um antegosto da visão beatífica e da bem-aventurança. Imar escível que a eterna candade há-de proporcionar aos predeterminados.





SANTO ANTÔNIO, ROGAI POR NÓS

ANIVERSARIANTES

1. — Lourival Moreira da Silva (1ª série)
1. — Nelson Albernaz (1ª série)
2. — Erasmo de Arruda e Silva (aprendiz).
3. — João Lourival Bodstein (2ª série)
6. — Claudio Norberto de Souza (2ª série).
6. — Salvino de Araújo Neto (2ª série).
7. — Joaquim Lôbo Duarte (1ª série)
8. — Antônio do Espírito-Santo (admissão)
9. — André Bastos Jorge (2ª série)
13. — Antônio Maricá (admissão)
14. — Paulo Eliseu Lúle (1ª série)
16. — João Freire (admissão)
16. — Leopoldo Mamede de Arruda (2ª série)
17. — Leôncio Balbino de Paula Filho (1ª série)
19. — Gair de Barros (1ª série)
19. — Augusto Dutra Pimenta (1ª série).
19. — Samuel Dias de Moura (aprendiz).
30. — Hélio de Souza Vieira (1ª série).

Prof. BERNARDO WETCLAWEK

A 23 de junho ocorre o aniversário natalício do educador salesiano, professor Bernardo Wetclawek.

PARABENS!

Lógica inesperada — O professor conta aos alunos a parábola do Bom Pastor e, para explicar-lhes o que quer dizer pastor, pergunta:

- Se vocês fossem todos carneirinhos, que seria eu então?
- Um carneirão, seu professor!

Conhece as coisas — Professora: Dentro duma cerca estão 10 ovelhas. Suponhamos que uma pule a cerca, quantas ficam dentro, Luizinha?

Luizinha: — Nenhuma, snra. professora!

Professora: Nenhuma? Olha, de 10 ovelhas pulando a cerca uma, não ficam 9?

Luizinha: — Não, senhora; se uma ovelha pular a cerca, todas as outras pulam também. Conheço as ovelhas, que são assim!

15 DIAS!

*Vais para casa... Férias!
Vieram tão cedo! Agora
que te ias ajeitando à dis-
ciplina colegial...*

*Em casa todos te espe-
ram ansiosos. E tu voas
para lá mais ansioso ainda.
É humano tudo isso. E é
bonito.*

*Amor filial! Que nobre!
Amor maternal! Que su-
blime!*

*Meu jovem amigo, eu não
quisera que tu ao invés de
buscares o descanso e ale-
gria, encontrasses o desper-
dício e o desassossêgo.*

*Vê lá! Toma conta de
tus olhos brincalhões; vi-
gia bem teus ouvidos des-
cuidados; mete um freio
nessa língua que não pára.*

*Vê lá, meu jovem amigo!
Não brinques com fogo.
Cuidado com a lama!*

*Quando voltares quero
lêr na tua fronte limpida e
serena:
VENCÍ!*

Brasílio Marajá

Os néscios tomam a vontade por
inteligência e a memória por gênio.
(Grierson)

Quem será o autor?

Do Dr. Bianor Fernandes re-
sidente em Mossoró, colhemos
os interessantes versos que abai-
xo publamos, cujo autor ignora:

A Cedilha é a barba do C
B com I é bê-i-bi
O 3 é o buxo do B
O Pingó e o boné do I

O Til é um S esticado
Nada faz estando só
E' a constipação do Som
Faz fanhoso o A e o O

De "A Verdade"



ANEDOTA

Na aula de Moral e Cívica:
— Quantos são os cultos que
devemos a Deus?
— São três: externo, interno e...
semiinterno.

A fé é o verão da alma; a du-
vida é o inverno do espírito.
(Grierson)

Amigo de censurar como é
o mundo, é mais freqüente ve-
lo favorecer o falso mérito do
que desconhecer o verdadeiro.
La Rochefoucauld

A sabedoria é o arquiteto que
vê; a ciência é o pedreiro que
age.
(Grierson)

DUAS TIRAS

HELIO MAIA

Ha, na hora inquieta que atravessa o mundo, forças formidáveis que se chocam, nos scenarios mais diversos, com as mais variadas componentes e sob os aspectos mais dispares. os maiores abusos á sombra do direito. Diz aquelle: — sómente pela força consciente das dictaduras as nações se mantêm — e, entretanto, as fazem perecer pela violencia.

Nunca foi tão grande a confusão, a não ser, talvez, quando os homens entenderam edificar aquella torre *cujus cumen pertingat ad coelum* — e que foi, com certeza, a precursora dos modernos arranha-céus. Na Allemanha, o nazismo se oppõe ao communismo, mas faz obra commurista, perseguindo a Igreja — bella advertencia aos catholicos, ou melhor, aos crentes em geral!

Estamos, de novo, na planicie de Sennaar e os homens de hoje tentam a construcção de outras Babels mais audaciosas que aquella descrita no capitulo XI do Genesis. Na Russia, o bolchevismo se propõe a libertar o proletario e redu-lo á mais negra escravidão, a escravidão das consciencias. Sobrepairando a todas essas loucuras — uma voz unica, acima da tormenta, se faz ouvir: a do Successor de Pedro, que hoje se chama Pio XI, na sua magistral encyclica, sobre a questão social. Ouçamos-lhe os conselhos e si queremos evitar a Babel contemporanea (é tempo ainda...) sigamol-o.

Deus, porém, castiga toda a soberba, intellectual ou moral, com a confusão das linguas. E já se nota, como no texto biblico, a incomprehensão dos homens uns para com os outros — *non audiat unusquisque vocem proximi sui*. Tem-se a impressão de que cada homem fala um idioma differente.

Mesmos os mais chegados já se não entendem. Uns querem uma cousa, outros aspiram o mesmo Ideal, por processos diversos.

Diz este: — salvaremos a humanida com a Lei — e pratica



Coração de mãe

A. ESSER

A pouca distância da cidade X..., avista-se, numa colina, o chalé da viúva Mertens.

Num dos quartos daquele pequeno palacete ergue-se um altazinho, onde impera majestosamente, entre flôres e enfeites, o S. Coração de Jesús. Diante da imagem, uma pessoa em oração. É a pobre senhora Mertens, abismada numa profunda dor. Duas pérolas argêntas rolam-lhe pelas faces. Ouve-se o murmúrio das suas preces, entrecortadas por pungentes soluços: «Ó Jesús! tende piedade de uma pobre mãe que já não tem mais poder sobre o coração do seu filho! Salvai o meu querido João! Arrancai-o das mãos daqueles maus companheiros que o arrastam à perdição! Ó Jesús!... Jesús!...»

.....Lentamente, o relógio de parede bate nove pancadas.

—Num movimento brusco, a viúva se levanta e corre à janela.

Procura penetrar na escuridão, mas não vê nada!

A noite é escura. A lua com a sua corte sideral se retirou.

O céu se nublou. A chuva, num ritmo melancólico, bate nas janelas. O vento geme e faz côro com os lamentos da desventurada mãe.

A pobre senhora torna a voltar aos pés do Coração de Jesús e clama aos Céus pela salvação do seu querido filho.

Eis que ressoam passos na vizinhança da casa... A mãe, pressurosa, corre de novo à janella. Ela distingue, nas trevas, uma forma humana. Seu coração bate apressado. «Ah! diz ela suspirando, é ele!» e se precipita à porta para acolher o seu filho.

Mas, ah!... que encontro!

João nem sequer olha para a sua mãe; penetra na casa e sobe ao seu quarto. Lá cai numa cadeira de braços e sustenta a cabeça fatigada nas mãos.

Pobre João!... Não és mais o menino dos teus dez anos. O teu rosto, tão tranqüilo e sereno outrora, tornou-se triste e lívido como o de um enfermo, minado por uma doença mortal! Os teus olhos, antes tão vivos e azues, são apagados e fundos; não expressam mais toda a sensibilidade e ternura que deveriam patentear! A tua boca comprimida e cerrada é a de um homem agitado por mil preocupações! O teu coração ferve num turbilhão de más paixões! Eis a obra dos companheiros que não quiseste abandonar!...

E tu, mãe infeliz, és bem o retrato fiel de tantas mães, vítimas da ingratidão de filhos desnaturados! Os teus conselhos não encontram eco na alma do teu João! As lágrimas não comoveram o coração do teu filho. As preces, com que assediaste o Céu, Deus ainda não as escutou. Coragem, mãe cristã!... Santa Mônica converteu o seu Agostinho depois de 25 longos anos de provas e lágrimas. Assim também hás-de vencer e ganhar o coração do teu unigênito!

* † *

Aquela noite toda era para João um tormento contínuo. A voz da consciência reclamava. Os remorsos não lhe deixavam trégua. Debalde, João tentava impor silêncio àquelas vozes internas! A educação cristã recebida, o exemplo e os conselhos de sua santa mãe, os princípios sãos e religiosos que aprendera, na sua infância, da boca dos seus mestres, tudo o condenava!...

Mas, João, obstinado no seu erro, desprezando as súplicas e os prantos, de sua mãe, continua a frequentar aquela companhia que o carregara ao abismo da perdição. Que lhe importam os sermões, assim qualificava as

ALUNOS DE ÓTIMO COMPORTAMENTO

1. Augusto Paulo da Silva; 2. Benedito Mameles de Arruda Filho; 3. Flávio Ferreira Pais; 4. Francisco Aurélio da Silva Campos; 5. Hélio de Sousa Vieira; 6. Henrique Gomes da Silva; 7. Jaime Galvão de França; 8. Joaquim Vicente de Almeida; 9. José Aquilino de Almeida Filho; 10. José de Carvalho Leite; 11. Leôncio Balbino de Arruda Filho; 12. Leoní Palma de Carvalho; 13. Nagib Kalil Jaudy; 14. Sebastião Ramos.

1. Ataíde da Silva Bueno; 2. Estácio de Toledo Maciel; 3. Gastão da Costa Rileiro; 4. Iris Gomes de Arruda; 5. José Miguel de Araújo; 6. Julio Zattler Amiky; 7. Pedro Affi.

1. Alberto Gomes de Silva; 2. Salvador da Costa Marques; 3. Telésforo Nóbrega Fernandes Filho.

1. Arigildo da Silva Bueno; 2. Carlos Honorato Rodrigues; 3. Carmelito de Arruda e Silva; 4. Célio Ferreira da Silva; 5. Cláudio Camilo Fernandes; 6. Estênio Neópolis da Silva; 7. Francisco Gomes Bezerra; 8. Oscar Helio da Costa Marques.

1. Adelino Vieira da Silva; 2. Angolemi Benedito Pereira; 3. Augusto Eubank de Moraes; 4. Cácio da Costa Marques; 5. Carlos Deschamps de Almeida; 6. José Alves Correia; 7. Jesus Evangelista de Figueiredo; 8. Jovino Dias da Costa; 9. Ivo Ricci; 10. Genálio Leite de Figueiredo; 11. Manoel Felix de Toledo; 12. Pedro d' Abadia Maciel; 13. Rubens Tocantis; 14. Vidal Rondon da Rosa; 15. Valentim José de Amaral;

1. Everardo Paulino do Espírito-Santo; 2. José Correia de Almeida.

carinhosas admoestações de sua mãe! Que lhe importa a virtude, a honestidade, o bem! Gozar! eis o que ele quer, saciar aquelas suas vis paixões!... Não lhe tinham dito os seus amigos que a vida curta, que precisava gozar enquanto jovem, que a religião era uma fábula?!... Pois bem, atento àquelas palavras lisongeiras, João entregara-se, corpo e alma, a uma vida libertina e escandalosa.

A pobre viúva, para reconduzir ao bom caminho o filho extraviado, esgotou os conselhos e as advertências; mas, tudo sem efeito. Ficou-lhe, todavia, uma força, a maior de todas: as lágrimas aos pés do S. Coração de Jesus!

Os anos, entretanto, iam passando. A mãe delanhava visivelmente, até que um dia, adoeceu. João, sem se impressionar muito com isso, cantava e gozava como dantes.

Deus, porém, o esperava e ia quebrar o gelo da indiferença.

A senhora Mertens, sentindo o seu fim próximo, manda chamar João à sua cabeceira.

A face pálida e lívida da moribunda, os seus olhos vidrados, o suor frio que lhe corre pelo rosto, anunciam o

desfecho daquela vida de sofrimentos. Reunindo as últimas forças que lhe restam, a mãe levanta vagarosamente a mão para abençoar, pela derradeira vez, o seu filho; e, com voz trêmula e extinta, balbucia: «João!... meu filho!... não esqueças... as lágrimas... de tua mãe... Até lá... no céu!...» Eram as suas últimas palavras.

João, mudo, abatido e curvado pela dor sem lágrimas, andava, a passos largos, pelo quarto. Começava a compreender o que era u'a mãe cristã!

Poucos dias depois, no cemitério, um moço, desfeito em prantos, estava ajoelhado sobre u'a tumba fria e sem vida. Era João que chorava os seus pecados! Mas, lá, do céu, a santa mãe falecida deitava um olhar de complacência, sobre o filho que lhe custara tantas lágrimas.

* * *

No mesmo quarto, onde a senhora Mertens costumava ajoelhar, diante do altazinho do S. Coração de Jesus, ajoelha, agora, João, todos os dias, pedindo ao Rei dos corações que o resguarde de toda nova queda e o preserve de toda má companhia.

Sê Brasileiro!

Meu jovem amigo, tens um dever imperioso e sagrado a cumprir: ama o teu Brasil.

Podes e deves trabalhar, desde já, pela grandeza da Pátria. De que modo?

Zelando pela saúde corporal.

Empenhando-te, muito mais, em guairdar a sanidade do teu espírito.

Sê homem. Sê robusto. Sê cristão às-direitas. Que farás, pelo Brasil, tudo o que de ti se pede neste momento.

Estuda. Trabalha. Vive alegre e respira a plenos pulmões.

Sê respeitoso e obediente. Forma o teu caráter, o teu coração, a tua alma. Cultua a sincerida-

de. Repito: sinceridade.

Pensa que tens u'a missão a desempenhar e que o tempo da tua juventude é tudo. Vale ouro.

Agora é que plantas o que hás-de enceleirar um dia.

Se plantares vento, que hás-de colher? Que hás-de colher senão tempestade?

Medita. Agora é o tempo das sementeiras da VIRTUDE.

Mais tarde: os louros da vitória.

O Brasil precisa de ti. Robusto e virtuoso. Homem de palavra. Caráter íntegro.

Vamos! Marchemos!

É o apêlo da Pátria.

Oswaldo Lôbo

Numa escola sertaneja — A professora pergunta aos alunos:

— *Seu Salvador*, quantos sentidos temos?

— Cinco *sintido*!

— *Seu Juquinha*, para que serve o nariz?

— *Prá chêrá!*

— *Seu Rafael*, para que servem os olhos!

— *P'rá oia!*

— *Seu Domingos* para que serve a bôca?

— *Pra gostá!*

— *Seu Joãozinho*, temos especialmente nas mãos o tato e para que serve?

— *P'rá parpá!*

— Agora vamos ver o que nos diz o nováto. — *Seu Carlinhos*, para que servem as orelhas?

O pequeno pensou, pensou, vagueou o olhar pela sala, pelo fôrro e com, quem achou, exclamou:

— *P'rá pô tóco de cigarro!*

Preguiçoso — Olha meu filho, o professor mandou dizer-me que eras muito preguiçoso. Então, que queres ser, quando fores grande, malandro?

— Vou ser Papai Noel!

— Porque?

— Porque Papai Noel trabalha sômente nm dia cada ano.

SOB AS ESTRÊLAS

Quando as estrêlas vão no céu aparecendo,
E o firmamento fica todo iluminado,
Só o caboclo, ao sol que vai morrendo,
Sente no peito um novo riso retratado,
E tem então a sua alma devorada,
Por um queixume de tristeza e de pavor,
E' que as estrêlas com seu manto prateado,
Vêm torná-lo desvairado,
Vêm fazê-lo trovador.

Quando a campina é tôda pura e sossegada,
Leva no braço pendurada a sua viola,
Então vagueia pensativo pela estrada,
Canta cantigas que parecem barcarola;
E lá no céu as estrelinhas tremeluzem,
É um rio d'ouro que se esfrôla de fulgor,
São sentinelas desta terra do Cruzeiro,
Que fascinam o mundo inteiro,
Dando alento a tanta dôr.

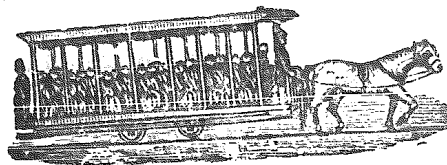
Lá pela mata ouve pio prolongado,
Aguça o ouvido pra saber qual o cantor,
Logo descobre aquêle choro tão magoado,
De torturado por um pranto sofredor,
É o piado de saudade da jaó,
Que, pobrezinha, passa a vida a soluçar,
Sob as estrêlas dêste céu de sertanejo,
Onde encantos só eu vejo,
Desmanchando o seu cismar.

Sob o dossel das estrelinhas deslumbrado,
Passa êle as horas penetrado de vigor,
É que se escôa dêste prado estrelado,
Luz saturada de beleza e de esplendor;
Por isso o choro e soluço e pranto é riso,
Para quem vive e sabe ver tanta poesia,
Sob êste céu é tudo luz e tudo é encanto,
E' prazer suave e santo,
Dia e noite, noite e dia.

Vuitó Sereno



O que nem todos sabem



11. — Em Nova York existiam em 1935 mais de 637.500 edifícios, dos quais uns 216 mil têm 25 a 102 andares e 4.000 10 a 25 andares.



12. — O correio de N. York distribue diariamente n'a média de 60 milhões de cartas ou encomendas.



13. — Os 12 grandes arranha-céus de N. York rendem anualmente de 25 a 50 milhões de dólares.



14. — A maior lente ótica do mundo foi fundida nos E. U. A. N. em 1936. Está ela no observatório astronômico da California.



15. — A América do Norte possui 421.519 km. de estradas de ferro.



16. — Na estação de ferro da "Pennsylvania Railroad" de N. York há um movimento de mais de 750 trens por dia.



17. — O engenheiro Waldner construiu o primeiro modelo do "trem aéreo". Este corre sobre trilhos suspensos do solo podendo, desenvolver livre de obstáculos, uma velocidade de 120 e mais km. por hora.



18. — Os maometanos levam sempre as mãos muito sujas, cuidando muito da limpeza dos pés. Em sinal de respeito não tiram o chapéu mas os sapatos.



19. — Na América do N. há 16.500.000 automóveis, i. é, um carro para 5 habitantes.



20. — O primeiro automóvel foi inventado pelo mecânico Carlos Benz, há 50 anos.



21. — A 28 de Abril p. p., em Porto-Alegre (Rio-Grande-do-Sul), já no cemitério, um cadáver pulou do caixão e começou a correr. Averiguado o fato, tratava-se de um caso de catalepsia.

ALMA DAS ÁRVORES.

Em noite assim de luar, em poite assim de calma
Se me afigura emão que a floresta tem alma.

Alirio de Figueiredo
(Evocação ao luar)

*A's vezes na janela, a sós me quedo,
A contemplar a lua majestosa,
Solta, espadanando esplendorosa,
Jorros de luz, por êstes céus, sem mêdo.*

*Em baixo a ovação tumultuosa
Das fraças farfalkantes do arvoredo
Um grande lenço, que se agita lêdo
Saudando a lua calma, silenciosa!—*

*O luar arrebatá e extasia
Até a natureza bruta e fria,
E parece que nela uma alma atúa.*

*E ao ver assim poeta o arvoredo
Tornar-se do luar sublime aêdo
Não cantarei o Criador da lua?!*

Maia d'Atayde

A CONFISSÃO E OS MÉDICOS

“A confissão, sob o ponto de vista da medicina, é um maravilhoso agente de equilíbrio mental.

No mistério do confissionário as palavras de conforto e de paz são bebidas com avidez pelas almas inquietas que vieram com ansiedade contar a desordem de sua vida. *Uma grande serenidade baixa sobre elas depois das palavras do padre.*

Voltam à luta da vida com o coração aliviado de grande peso, forçadas de pensamentos retos, resolvidas aos sacrifícios necessários.

Dr. Flessinger — Ciência e Espiritualismo pag. 270

«A confissão regular parece ter sido inventada por um médico de gênio: age no estado de depressão como um bálsamo salutar que acalma as angustias e reanima as esperanças mortas.

A confissão, dando a calma e a serenidade ao coração, facilita a posse da saúde. A paz da alma é necessária ao funcionamento harmônico das diversas funções orgânicas.»

Prof. Raymundo Janet.

Papagaios



Papagaios, lá vão, dois a dois, ou em bando,
pelo céu muito azul, tagarelas, voando,

rumo do milharal. Risonha madrugada!
Desperta a natureza e canta a passarada.

Tudo é luz, harmonia, esplendor, lá nos céus!
Bandeira a flutuar—tão pura!—sem labéus.

Mas o dia passou. Pela tarde calmosa,
dois a dois, ou a sós, sem a voz jubilosa

que tinham de manhã, terminado o festim,
— por que, na vida, tudo há-de acabar assim?—

papagaios lá vêm... Passam, adejando alto,
pelo céu de turqueza, e safira, e cobalto,

em completa mudez, sem nenhum tagarela...
Mas, no céu, há bulcões! prenúncio de procela...

Aproxima-se a noite... A escuridão aumenta...
E, rugindo, feroz, estrondeia a tormenta...

Oswaldo Lobo

Mãe e tutor

A quem são a Elos consagrar
estas linhas, fruto da minha rude in-
teligência que mandaram nutrir confor-
me suas possibilidades?

Aquela era uma velhinha dotada dos moldes cristãos que rodeada dos seus filhos vivíamos pobremente em um dos Distritos da cidade. E este, ainda me recorde, marchava em seus quarenta anos, era alto de um corpo regular, tinha cor branca, cabelos e olhos castanhos, de um coração bondoso que se comovia facilmente em vista dos sofrimentos dos seus assemelhados, tinha diversos filhos e todos me consideravam como se fôssemos irmão. Mas não, não... estes eram loiros e tinham os cabelos cor de fogo, e eu moreno escuro nunca podendo comparar-me com eles! e tinha razão, pois não os conhecia quando de menor idade fui conduzido para juntos deles. Este homem era aquele que outrora junto de um sacerdote preenchia o exigido pela Igreja para que eu pudesse receber a água batismal, e encontrando-me em dias felizes de adolescência convidou-me para segui-lo, convite este a que não me opus. Pedi então permissão de minha mãe e bem assim os auxílios daquele que, outrora recolhia os pobres órfãos (D. Bosco), para que me pusesse sob sua poderosa proteção.

Colocaram-me em um Grupo Escolar que frequentei por alguns meses. Nesse período de aulas, não ouvia falar em Deus e em casa não se usava de tal coisa; mas como minha mãe me ensinara a "Ave Maria" era esta a minha oração predileta para todos os fins em especial modo para que a minha Auxiliadora me pusesse sob a sombra do seu poderoso manto. Voltando um dia da aula encontrei o meu tutor um pouco diferente do que era sempre, (talvez seria motivado por efeitos alcoólicos), mandou internar-me no Colégio Salesiano, onde já havia arrumado para mim uma proteção melhor com o Diretor do estabelecimento que então era Pe. M. Curró. Dei-me por pronto e para lá fui conduzido.

Tudo para mim era novidade, pare-

cia não acostumar-me nunca naquele casarão. Os meninos estavam no recreio, e parecia rirem-se de mim por ficar tão surpreendido em vista de tal espetáculo. Eis que a um momento por um silvo de atenção todos já se achavam nas filas e também eu fui conduzido para lá, pois o assistente segurando-me pelos braços, indicou-me o lugar que eu deveria ocupar de conformidade com minha altura; quis então saber para onde iam levar-me, mas um profundo silêncio reinou entre cento e tantos tagarelas, que só se ouvia o murmurar dos grandes sinos da Torre do Santuário de Maria Auxiliadora; os relógios marcavam 6 1/2 horas da tarde. A um sinal feito pelo assistente os chefes de filas seguiram em direção ao Santuário, eu então fiquei a pensar como fazer ao entrar, e após um momento resolvi fazer o que outros fizessem. E eis que um mestre começa a entoar (se bem que recorde o Magnificat) fazendo-me compreender que deveria fazer ação de graças pelo tamanhos benefícios recebidos, mas como eu não sabia o que era isso, movimentava os lábios para demonstrar que estava cantando.

Dias depois, graças ao meu mestre de Tipografia, e aos demais superiores, passava sempre contente e gozava já dos bons conhecimentos para com Deus e me sentia com orgulho por ter sido acolhido pelos filhos de D. Bosco. E assim passei os dias mais felizes de minha infância até que concluí o tirocínio profissional.

E hoje devo a minha vida espiritual, moral e social, não àquele que por cólera injustificada me levou para o Colégio, de onde por várias vezes tentou tirar-me, e sim à minha Mãe Santíssima que com o Seu poder incomparável fez com que fossem meus tutores os Filhos de D. Bosco, que prestam auxílios à orfandade desta Cidade.

Um ex-aluno

MISCELÂNEA

Estamos com uma doutrina. Que doutrina é essa? A doutrina espiritualista, a que afirma Deus Eterno e a Alma Imortal, a que nos mostra os caminhos da Virtude, a que nos ensina a glória da renúncia, do sacrifício, do martírio, a que nos inspira a a bondade, a fraternidade, o perdão, a modéstia, a simplicidade, o pudor, a que nos consola com a certeza do dever cumprido.

Plínio Salgado



«O milite cristão, o que só teme a Deus e só nele confia, morre, mas não se rende, nem ao estrondo dos canhões, nem ao canto das sereias da anarquia.» — D. Aquino Correia: Oração aos Soldados, pág. 15.

* * *

GOIANIA é a nova capital do estado de Goiaz.

* *

Entrou em exercício do cargo de Diretor da Divisão de Ensino Secundário, do Departamento Nacional de Educação, o exmo. snr. dr. Mário de Brito.



No tribunal — Juiz — Eu não lhe disse, a última vez que se apresentou diante de mim, que não queria tornar a vê-lo?

Réu — Disse, sim, senhor; mas por mais que eu o repetisse aos polícias que me prenderam, nenhum me quiz acreditar!



O Papa Leão XIII considerava a imprensa católica como missão perpétua.



Não é possível! O delegado: — «abe você que está acusado de um crime muito grave? Trata-se de um abuso de confiança para com o seu chefe.

Isto não, sr. delegado; é impossível, o chefe nunca teve confiança em mim.

* * *

«A célebre mina de ouro de Morro-Velho está situada a cinco ou seis léguas de Belo-Horizonte. Baixemos, dos silvestres e solitários planaltos, a êsse profundo vale, erizado de matagais. É aí que uma companhia inglesa, armada das técnicas mais modernas, persegue e acia o filão precioso, até profundezas jamais atingidas pelo homem, sob a crosta terrestre: 2.538 metros, exatamente.» Luc Durtain. *Apud* Aroldo de Azevedo: Geografia para a 4ª série, pág. 407



«Conta-se de um célebre mestre de rabeca, em Paris, que tinha a mania de nunca deixar sair - lhe dos lábios um juízo decisivo sobre o completo aproveitamento dos seus alunos.

Quado já nada havia que objetar contra a técnica vigorosa e conciente, contra a segurança datilica dos mais bem aproveitados, êle buscava sempre o último refúgio e repetia: a *afinação!*...» Tobias Barreto. *Apud* José de Sá Nunes: *Lingua Vernacula* (3ª série.) pág. s431.

Ainda somos atrasados!

(Serve para monologo)

Interessante! Nunca sucedeu comigo um caso igual. Não passo uma só noite sem ter um sonho. Não há manhã que não me acabrunhe com o seu pedacinho de sonho. Isto é para mim uma triste fatalidade.

Hoje, porém, eu quisera ter sonhado e não sonhei. A culpa eu jogo na atmosfera. Ora, se a natureza não influe nos ações do homem?! Inflúe e muito. Quisera ver um homem que se não deixasse levar algum dia pela atmosfera! Por que será que agora estou suando por todos os poros? Não estou fazendo nada! Estou sentado. Vejamos. De janela escancarada a coisa irá melhor... Ih! meu Deus, que céu escuro! que pandemônio horrível, que babel dos pecados! Que algazarra estranha na natureza! Vou já ao galinheiro! Que barulho insuportável! Quem atirou o pomo da discórdia no meio destas galinhas? E aqueles patos, não têm o que fazer? Parecem acossados por algum Corupira foragido da floresta. Oh! momento de ansiedade indescritível! Ah! é demais. Isto é demais! Tiro já este paletó. Também eu quero sair ao terreiro. Não sou eu mais que um galinha? Sou, pois não! Que tenho a ver com o filósofo? O homem, um bipede implume! Uma galinha despenada!? Ridículo! Menos que uma galinha, sim senhor! Estudar tantos anos para gravar na história uma asneira como esta! Mas, pensando um pouco, bem que seria melhor se eu tivesse asas, que fôsse as menos uma galinha. Agora, pelo menos, iria pôr-me a salvo de uma tempestade horrível. Lá por cima das nuvens há mais calma e tranquilidade, Oh! meu Deus que coisa horrível! O mundo vai-se acabar. Que pingos enormes! S. Pedro está-se lembrando de alguma pescaria milagrosa! Está com saudade daquelas tempestades do mar

de Tiberíades? Tenha piedade de nós meu velho pescador.... Já estou piangando peor que um guarda-chuva...

Pronto! é um cataclisma universal. As cataratas do céu se abriram. Um dilúvio! E onde está para mim a arca de Noé? Se de arca para arca não passa diferença, vou já ver o meu baú. Ele há de sobrenadar a este mar... E as portas se fecharam? Quem foi êsse atrevido que as fechou?

Vamos olhar pela janela. Que horror! Minha casa está-se enchendo de água. Oh! felizmente vem boiando também o meu baú. Oh! meu baú, parece que vamos viajar. Espera um pouco. Deixa-me subir. Encosta....

Um...dois...pronto! Magnífico! a água já vem na altura da janela. Mais um palmo e eu posso descer janela abaixo. Do lado de fóra...um mar. Oh! como a água sôbe depressa! Já vem! Está chegando ao nível. Belo! Parece o canal de Panamá. Estou em o nível. Bravo meu báu! Fôra, ao alto mar. Que imensidade de água. No fundo do horizonte, nada mais que o céu negro. Chuva impiedosa a surrar as minhas costas... Essa é boa! Ah! em cima do meu baú estou melhor do que Noé com toda a sua família. Vamos para onde as águas nos levarão. Não sei! Mas, eu hei-de ter caído numa corrente vertiginosa. Meu baú vai rasgando as águas com uma velocidade espantosa. Assim vou bater em breve no outro mundo.

Como? ! Eu estou voando mesmo. Meu baú é um danado! Já virou um hidro avião

Estou salvo das águas! Agora também eu quero ser Moisés. Um nome judeu é sempre melhor. ...Uma fortuna de certo! Ah! Vou seguro em busca da Canaã dos meus sonhos! Coragem, meu báu! Oh! sinto-me quase leve. Aos meus pés voam as nuvens como um rio caudaloso. O

Fragmentos... O SOL QUE MORRE...

O Sol, como um olho enorme, nos espia..

GUIMARÃES PASSOS

O sol morria...

A motonave "Cidade de Corumbá" deslisava ligeiramente por sobre as águas do rio São Lourenço alumado pelo sol poente.

Aos poucos escurecia! No horizonte, atrás dos montes azues, o sol mergulhava-se lentamente. Ainda um pouco e sumiu de vez.

No entanto, por entre as pontas agudas de dois montes, via-se um maço de nuvens que recebia ainda o último beijo do sol.

Toda rosada, em forma de um grande olho nos vigiava...

Era o espião do sol que nos mirava, para ver onde nos íamos esconder.

Frederico Silva

ar se rarefaz. Ainda estou subindo Oh Que maravilha! Avisto uma cidade nos ares! Que palácios enormes! Onde estão os bondes? Onde estão os automóveis? Mas para aquêle guarda civil parado naquela esquina? Ah! tem razão. Um bando de aves lá vem. Os homens voam. Parece um bando, de andorinhas adoidadas. Aquí não se tem paz. Homem para que a gente deixou a terra? Também o sol aquí é demais! A humanidade mudou-se toda para os ares... e eu não vejo melhoramentos. É mais outra de recepção! Quero voltar para terra. Prefiro morar só lá em baixo nem que seja vogando nas águas. Desce, meu baú. Lá em baixo nós dois seremos felizes. Felizmente vamos descendo.

O meu baú está cedendo. É um camarada. Ah!... meus olhos ardem!... O sol dardejou uma restea bem certa na minha testa. Ai! que pena! Não é que eu estava sonhando realmente?!

E um lapis na minha mão? De verdade!... Eu, eu estava traçando um avião... Acabara de sonhar. Passou realmente uma tempestade porque a água escorre escachoante pela rua. Sinto saudade do meu sonho...

É tão ruim a gente passar um inverno aquí em baixo!... Todo o dia chuva e atmosfera pesada... Lá em cima pelo menos, a humanidade do futuro não terá este supremo desgosto! Realmente é sempre melhor a luz embora seja ela do sol... Ainda somos atrasados.!

Vuitó Sereno

JESÚS, MANSO E HUMILDE DE CORAÇÃO, FAZEI MEU JORNÃO SEMELHANTE AO VOSSO!

Maria Auxiliadora

23-5-937

«Revestiu-se de grande solenidade a festa de N. Senhora Auxiliadora, com que o Liceu Salesiano encerrou o bellissimo Mês de Maria no anexo Santuário.

Todos os números do programa, amplamente divulgado, tiveram cabal desempenho, sobressaindo a devota Missa de Comunhão Geral, a Missa Solene com Assistência Pontifical e a Procissão muito ordenada e piedosa que terminou com uma vibrante alocução do Exmo. e Revmo. Snr. Arcebispo.

Dada a Bênção do Santíssimo no pátio do estabelecimento, apinhado de povo, seguiu-se uma animada kermesse em benefício do referido Santuário».

De "A CRUZ"

O^a QUE SÃO — A professora, interrogando dois alunos:

— Vocês são parentes?

Responde um dos pequenos:

— Não somos parentes, não, senhora; somos primos...



Corpus Christi

30-5-937

Procissão bellissima. Ordenada. Piedosa. Clero. Associações. Irmandades. Colégios. O nosso também. Bandas-de-música. Cantos. Preces.

Formosa oração, ao terminar: a palavra sempre cheia de unção e eloquência do exmo. snr. arcebispo d. Aquino Correia.



Passeata

No dia 13 de Maio, dia em que comemoramos a liberdade dos escravos, houve uma grande passeata, a que compareceram todas as escolas desta capital.

Desde cedo já se viam grupos de meninos que seguiam para a sua escola.

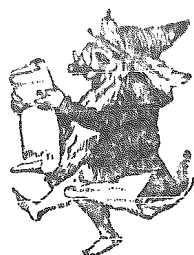
A's 8 horas se achavam todas as escolas reunidas na praça da República para ouvir a palavra do distinto professor Filogônio Correia que descreveu todos os sofrimentos dos infelizes escravos, citando os nomes dos nossos ilustres patrícios que muito trabalharam para a liberdade dos negros do Brasil.

Uma salva de palmas cobriu o orador tendo logo em seguida a passeata, que percorreu as principais ruas da cidade.

Terminou assim essa bela festa que muito agradou aos alunos.

Everardo do Espírito Santo

Problemas e charadas



NOSSOS CONCURSOS

Respostas do número anterior: 1 — Lisboa; 2 — Café; 3 — Sapato; 4 — Jacinto; 5 — Caneta; 6 — Campo Grande; 7 — Canário; 8 — Distinto; 9 — Mariposa; 10 — Saca-rôlhas; 11 — Janota; 12 — ANTENOR NASCENTES: *O Idioma Nacional*, 1 — Apud JOSÉ DE SÁ NUNES: *Língua Vernácula* (1ª e 2ª Séries) página 298.



ADIVINHAÇÕES

Sem mim não pode haver Deus.
Papa sim, cardeal não.

A virgem pode ser virgem
Mas a donzela é que não.

O que é que de manhã anda
com 4 pés, ao meio dia com 2
e de tarde com 3?

O que é que pode tornar rico ao
mais pobre?

O que é que anda cheio de dia
e vazio de noite?

O que é que se levanta chorando
e se deita cantando?

Qual é o rei que teve maior
corôa?

CHARADAS

Este herói correndo é horrível
—2—2

Corre no mato e corre no mar
—2—2

Sou rainha, corro sem ter vida
e subo da terra ao céu —2—2
Cubro o animal — Sem mim não
há espingarda, e sim boliso a ca-
ridade —2—2

ANEDOTAS

Perguntando alguém a um es-
trangeiro qual a estatura da gen-
te de sua terra, este respondeu:
meus patrícios ordinariamente
têm 4 pés.

Papai, agora já não me as-
sento mais no último banco na
aula, disse nm dia o Joãozinho a
seu pai.

Muito bem, meu filho, toma
esta nota de mil reis como re-
compensa, mas diga-me porque
não te assentas mais no último
banco? disse o pai.

Porque o último foi pintado,
e está ainda molhado.

Mestre Matias diz um dia a
seus discípulos estupefatos: Sa-
beis quantos rabos de gato são
necessários para se ligar a lua
com a terra?

Sei, seu Mestre, diz o pequeno
Samuel: Um só, muito cumpri-
do.

O flautista do exército

1778. Lafayette comandava os exércitos americanos às bordas do Hudson. Afim-de-que a aproximação do inimigo pudesse ser facilmente pressentida, proibira se fizesse no campo o mínimo rumor, de 9 horas da noite às 5 da manhã.

Certa noite, um músico do exército, tocador de flautim, desceu à margem do rio e, sentando-se, pôs-se a sonhar, contemplando o deslizar, na escuridão da noite, das águas do Hudson.

Seu devaneio levou-o para muito longe de onde se achava. Pensou na sua aldeia, na sua casa. Seus parentes, a mãe querida, tão terna e carinhosa para com êle... Criança, viu-se ao lado dela, ouvindo seus doces cantos. E esquecendo completamente o lugar e o tempo em que se achava, tirou maquinalmente o flautim do bolso e pôs-se a tocar.

Súbito u'a mão pesada pousou rudemente sobre suas espáduas, enquanto uma voz se fazia ouvir: «Que está fazendo, meu rapaz? Se o general o ouvir será repreendido e pagará caro».

Era o soldado da ronda, que ficara também embevecido a ouvir a melodia, não se lembrando que a deveria interromper.

Na manhã seguinte o tocador de flautim recebeu aviso de que o general o chamava. O pobre

rapaz temeu não 'pouco. Sabia muito bem quão severo para com os transgressores de suas ordens era Lafayette.

Dirigindo-se ao general, topou em meio caminho a sentinela que lhe murmurou: «Se for por causa da música, pode ficar tranqüilo. Sómente eu e você sabemos da verdade. Diga que ignora de que se trata e ninguém o descobrirá.»

—Mentir?! Ter minha mãe um filho mentiroso! Seria para mim um fardo tão pesado que eu não suportaria.

E entrou na tenda do general.

—Quem é você, meu amigo? —perguntou Lafayette.

—O flautista que V. Excia. mandou chamar.

—Sei. A noite passada ouvi sons de flautim, que vinham das bandas do rio. Você quem tocava? — Sim, meu general. Mas não sabia o que fazia. Não tinha absolutamente intenção de violar as ordens de V. Excia. Sentei-me à margem do rio e pus-me a devanear. Meu pensamento voou ao torrão natal. Pensei na França, na minha aldeia, pensei em minha mãe, e...

— Em sua mãe... E eu, o ouvindo, pensei também na minha. Você tocava justamente a sua modinha predileta. Toque novamente. Far-me-á bem.

Trad. do francês pelo
Conde d'Alouguia

Liceu de Artes e Ofícios

de
SÃO GONÇALO

Estabelecimento de ensino secundário

Sob inspeção prévia do Governo Federal

Alunos matriculados em 1937:

1ª série —	89
2ª série —	50
Total —	139

Curso de Admissão

Alunos matriculados: 50

Escolas profissionais

Alfaiataria

Encadernação

Marcenaria

Sapataria

Tipografia

Alunos matriculados: 60

Total dos alunos do colégio: 249

Enderêço telegráfico: "Salesianos"

Internato — Semiinternato — Externato

Avenida de Aquino Correia, nº 28

Cuiabá Estado de Mato-Grosso